

Reação sem sentido

CORREIO BRASILENSE

25 MAI 1987

Divida Externa

O Brasil é um bom cliente sob vários, inúmeros aspectos. Não adianta negá-lo. Contra fatos não há argumentos: nos últimos quatro anos, o Brasil remeteu cerca de 39 bilhões de dólares ao exterior, em juros, enquanto só recebia uns treze bilhões de empréstimos e investimentos. Isso configura uma das raízes mais profundas da atual crise não só brasileira mas, também do Terceiro Mundo. O Brasil inscreve-se entre os países exportadores de capital, por incrível que pareça. Portanto asfixiá-lo significa apenas matar outra galinha dos ovos de ouro. Não há muitas, hoje em dia. Principalmente os credores deveriam sabê-lo. Se o Brasil foi o maior prejudicado, agora, por represálias, em seguida sofrerão, e muito pior, os credores de dívidas e investimentos.

Entre os que deverão estar a par dessa elementar verdade, figura o Citibank, velho investidor e prestador do Brasil, algo como um sucessor da Casa Rothschild de Londres durante o Império. Inclusive com diversos assessores brasileiros, até mesmo economistas famosos.

Daí certa surpresa diante da reação do Citibank, ora emocional, em relação às dificuldades específicas do Brasil. Vêm rumores estranhos de Nova Iorque, dizendo, não só insinuando, que vai endurecer, fechar determinadas linhas de crédito e transferirá seus ameaçados saldos a bancos terceiros. Boatos começando a se materializar.

Afinal de contas, o Citibank é empresa privada. Seus dirigentes farão o que quiser. O governo dos Estados Unidos exerce muitíssimo menor influência no setor privado que o do Brasil. Entende-se o comportamento porém a curto prazo. O Citibank precisa dar explicações aos seus depositantes, a eles pertence o dinheiro de qualquer banco. O que não se compreende é querer projetar tudo isso em regra generalizada. Se acontecesse, os maiores perdedores terminariam sendo os próprios bancos. Não há mais lugares tranquilos no chamado Terceiro Mundo, foco de crescentes turbulências. Nem foram descobertos substitutivos para todas as matérias-primas importantes, nem os mercados terceiro-mundistas são de todo desprezíveis. A retirada estratégica do Citibank, e de quem o acompanhar, pode acabar se convertendo em debandada prejudicial a eles mesmos.

Os países mais ricos ainda não entenderam que, sem uma renegociação global em termos internacionais, nada será conseguido de importante. Os acordos de Bretton Woods, logo após a Segunda Guerra Mundial, há muito caducaram. O sugamento de recursos não encontrou contrapartidas compensadoras a um equilíbrio maior; ao contrário, agravou-o. Por outras palavras, os menos ricos tendem a equilibrar-se, sem dúvida, com os mais ricos, contudo os menos pobres não vêm conseguindo romper a barreira da po-

breza, antes se vendo arremessados para a companhia dos mais pobres. Daí a crescente tendência de um intercâmbio sul/sul, do qual o Brasil participa em larga escala. Pois não existem perspectivas, nem a curto quanto mais a médio prazo, que se normalizem as relações internacionais sul/norte. Ao contrário, só fazem se agravar.

Aonde vão conduzir os acontecimentos? Claro que a uma escalada, aliás já em alto curso.

Agora em termos de retaliações públicas, desencadeando etapa após etapa. A reação do Citibank significa outro degrau.

Ora, se fechadas as portas, em todo ou na maior parte, aos terceiro-mundistas, ou qualquer nome que se lhes queira dar, não restará senão a mudança de bloco econômico-político passo a passo. Veja-se o caso recente do Irã. Antes dele o da Líbia. Agora a Nicarágua. Isto não pode interessar aos credores e investidores, mas é o caminho, ou descaminho, apontado no horizonte. Prudência, portanto. Nada de querer sufocar mais outra galinha dos ovos de ouro.

Os próximos meses serão decisivos.

Claro está que a moratória unilateral brasileira serve apenas de pausa para fôlego e meditação. Em seguida terá de vir a renegociação, desde que ampla, a começar por alguns países maiores, dos dois lados e depois os demais ou mesmo todos. Sem isso, nada feito.